

ARTIGO

EXPERIÊNCIAS NARRADAS:

O ENSINO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA INDEPENDENTE NA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (2010-
2014)

YVONE DIAS AVELINO

Professora Titular do Departamento de História
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6786-0572>

EDGAR DA SILVA GOMES

Pesquisador do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC da PUC-SP).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4230-2085>

RESUMO: O intuito deste artigo é fazer uma breve memória do ensino de História da disciplina América Independente, no curso de história, da Faculdade de Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a partir da década de 2010. Em um primeiro momento faremos o comentário descritivo da disciplina com a ementa, os objetivos e o conteúdo programático que trabalhamos com as turmas da disciplina América Independente. Em seguida focaremos nossa análise-experiência em sala de aula apresentando os tópicos que tratam de uma metodologia de ensino realizada através de uma das possibilidades de o historiador trabalhar a história através das fontes, e a análise escolhida recaiu sobre uma fonte muito cara a nós, a Literatura como mediadora da aprendizagem da história latino-americana e para finalizar será abordado o método avaliativo da disciplina.

PALAVRAS-CHAVE: América Latina, Ensino, Metodologia, Teoria, Prática.

NARRATED EXPERIENCES:

TEACHING THE HISTORY OF INDEPENDENT AMERICA AT THE PONTIFICAL CATHOLIC UNIVERSITY OF SAN PAOLO (2010-2024)

ABSTRACT: The purpose of this article is to briefly recall the teaching of History in the discipline Independent America, in the history course, at the Faculty of Social Sciences at the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP), since the 2010s. First, we will provide a descriptive commentary on the discipline, including the syllabus, objectives, and program content that we work with the classes of the discipline Independent America. Then, we will focus our analysis-experience in the classroom, presenting the topics that deal with teaching methodology carried out through one of the possibilities for historians to work history through sources. The chosen analysis fell on a source that is very dear to us, Literature as a mediator of learning Latin American history. Finally, we will address the evaluation method of the discipline.

KEYWORDS: Latin America, Teaching, Methodology, Theory, Practice.

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2025v83p345-364>

Recebido em: 11/04/25

Aprovado em: 16/07/25



Introdução

Nosso intuito é fazer uma breve memória teórico-prática do ensino de História da disciplina América Independente, no curso de História, na Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a partir da década de 2010. O conteúdo proposto para uma disciplina que esteja focada com seu tempo está ancorado na autonomia universitária e dentro dos parâmetros legais exigidos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), está em consonância com a “lei n. 9.394/1996, também conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (que) assegura às universidades a autonomia para criar, organizar e extinguir cursos de ensino superior”, e consequentemente nas Resoluções que complementam essa lei como, por exemplo, a Resolução CNE/CES n. 2/2007, e suas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN).

Em um primeiro momento faremos o comentário descritivo da disciplina com a ementa, os objetivos e o conteúdo programático que trabalhamos com as turmas da disciplina América Independente. Em seguida focaremos nossa análise-experiência em sala de aula apresentando os tópicos que tratam de uma metodologia de ensino realizada através de uma das possibilidades do historiador trabalhar a história através das fontes, e a análise escolhida recaiu sobre uma fonte muito cara a nós, a Literatura como mediadora da aprendizagem da história latino-americana.

Ao revisitarmos a diversidade cultural na América Latina temos olhares, disciplinas, saberes e registros que constituem desde a conquista até os dias de hoje, um diálogo intenso e ininterrupto entre as possibilidades da relação História e Literatura. Como latino-americanos especificamente oriundos do Brasil, observamos um problema na relação com os meios intelectuais, artísticos e políticos que sempre voltam seus olhares para a Europa, num primeiro momento, e, num segundo momento, sobretudo no decurso do século XX para os Estados Unidos, quase virando as costas à América Latina. O nosso olhar foi seduzido para vislumbrar essas realidades díspares, tão importantes e significativas à compreensão da nossa História. É recente o encantamento do encontro de brasileiros com as grandes representações culturais da latinidade americana. Se pensarmos em envolvimento mais expressivos, encontraremos problemas, buscas de entendimentos e

comparações que percorrem a historiografia e a produção literária. Exemplo disto são os textos produzidos por Gabriel García Márquez, Jorge Amado, Carlos Fuentes, entre outros, e podemos neste artigo afirmar que acreditamos que um olhar sobre a arte literária nos forneça elementos de compreensão da história latino-americana em sua integralidade e consequentemente a possibilidade de apreensão/compreensão das problemáticas apresentadas por esta disciplina pelos alunos.

1. A estrutura curricular da disciplina História da América III (América independente)

Fazendo memória do papel da universidade na América Latina e da importância que tem o ensino de América no currículo das universidades brasileiras não podemos nos furtar a citação da Reforma Universitária de Córdoba (Argentina 1918), que abriu caminho para a identidade universitária que temos ainda hoje em nosso continente. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), assim como na Argentina, vemos priorizado o acesso ao ensino superior a todos e todas as pessoas que se dispõem a cursar o ensino superior, em nossa instituição. Prezamos pela autonomia universitária alinhada as demandas sociais, com profissionais críticos e comprometidos socialmente, inclusivamente e acessivelmente. Defendemos assim como na Reforma de Córdoba, a liberdade de cátedra e a produção de conhecimento acessível e não elitista. Todos esses pontos narrados nesse parágrafo foram forjados na Reforma citada, e que abraçamos como sendo essenciais para um ensino superior de qualidade. Desta forma quando olhamos para a construção do currículo da disciplina História da América – Independências, Formação dos Estados e Intervencionismo (América III) observamos que estamos no caminho correto.

A ementa da disciplina História da América – Independências, Formação dos Estados e Intervencionismo (América III), que corresponde ao ensino dos processos de organização dos Estados latino-americanos trata em seu conteúdo do estudo da decomposição do sistema colonial, a fragmentação, e a consolidação dos Estados liberais. A construção da nova ordem nacional no cenário internacional de fins do século XIX e começo do XX: subordinação e dependências. As lutas sociais, tanto no campo quanto nas

idades que acompanham as disputas pelo poder no Estado em gestação. As expressões dessa sociabilidade no campo das artes: pintura, literatura e música da estratégia metodológica da disciplina.

Os objetivos traçados por nós é sempre levar os alunos à reflexão sobre o processo de independência e criação do Estado Nacional na América Latina, através de um instrumental teórico-informativo básico e leituras documentais de época impressas, leituras historiográficas e apropriação de algumas linguagens que o historiador utiliza como fonte. Para cumprir esses pontos traçamos o seguinte conteúdo programático (abaixo), todavia, se mantém a base clássica das fontes, da historiografia, da literatura e da arte pictórica com inserções recorrentes das novas produções da área que possam acrescentar ao programa da disciplina.

Conteúdo Descritivo da Disciplina América Independente¹
Leitura Crítica do texto La Consciência Americana do livro Nuestra América do filósofo mexicano Leopoldo Zea. Texto metafórico sobre a chegada do homem branco a América. Dialogando com o texto a Tempestade de Shakespeare.
A relação entre Estado e Igreja na América: A questão do padroado e as independências latino-americanas. Analisa as consequências da centenária relação entre Religião, Estado e Sociedade e suas implicações políticas hodiernas. Aula do Prof. Edgar da Silva Gomes.
Centralização Monárquica: Antinomia entre o Político e o Econômico. O desenvolvimento do capitalismo espanhol no decurso dos séculos XVI-XVII: o mito da sobrevivência da monarquia centralizada; o mito do controle político sobre o investidor estrangeiro sendo expediente adequado aos interesses do trono; e por último o mito da sangria de metais preciosos, que, sobre os Áustria espanhóis, foi renitente e persistente. (Yvone Dias Avelino)
A Época de Goya, de Carlos Fuentes. Reflexão sobre o fim da dinastia dos Habsburgo, e começo da dinastia dos Bourbon, a dicotomia entre poder instaurado e a intelectualidade e a tomada de poder sob Napoleão. Imagem com método de análise crítica: pintura de Goya onde os madrilenos são dizimados pelas tropas napoleônicas.

¹ A disciplina é oficialmente nomeada como: História da América – Independências, Formação dos Estados e Intervencionismos / América III. Em documentos de aula mais conhecida na forma reduzida: História da América Independente, ou apenas América Independente.

Texto de Lelo Bellotto e Ana Maria Martinez Correa. Bolívar e a luta pela independência da América. Análise de cartas, manifestos, discursos, proclamações de Bolívar político venezuelano que participou ativamente da luta da independência da América espanhola em um momento histórico onde seu pensamento prevalece como criollo onde Bolívar idealizou a formação de uma grande nação organizado nos moldes liberais republicanos.
SEMINÁRIO EM GRUPO: Apresentação crítica dos discentes sobre os materiais teóricos utilizados como fonte para desenvolvimento da disciplina. Fontes: Historiografia, literatura, imagens, epistolário, teatro, entre outras linguagens.
O Processo de Independência: Carta a Camilo Torres (Bolívar). Texto fundamental para o entendimento do imaginário libertador de Simon Bolívar. Carta apresenta o sólido conhecimento que Bolívar tinha das ideias liberais, crença da Razão na condução de suas ações, na centralidade do indivíduo no percurso da história, na defesa dos direitos naturais dos homens, entre eles a liberdade e igualdade jurídica e a legitimidade da propriedade privada.
O Libertador da América: Carta de Jamaica (Bolívar). Texto fundamental para o entendimento do imaginário libertador de Simon Bolívar. Carta que apresenta o sólido conhecimento que Bolívar tinha das ideias liberais, crença da Razão na condução de suas ações, na centralidade do indivíduo no percurso da história, na defesa dos direitos naturais dos homens, entre eles a liberdade e igualdade jurídica e a legitimidade da propriedade privada.
Nos Sopés dos Vulcões (Arana). Encontro de líderes e a visão idílica do vulcão Chimborazo cujo pico era então considerado o mais alto do planeta. Onde o libertador ponderou com outros líderes sobre a altura de seus domínios, o vulcão é uma alusão ao poder que os criollo estavam por conquistar.
Época de Enganos (Arana). Descrição sobre a desilusão, a mudança ideológica, a renúncia e a viagem para a morte de Simon Bolívar.
Império do Sol (Arana). Reflexão sobre a independência do vice-reino do Peru o maior reduto de riquezas da América. O Libertador enxerga o valor do General Sucre na Guerra.
SEMINÁRIO: Apresentação crítica dos discentes sobre os materiais teóricos utilizados como fonte para desenvolvimento da disciplina. Fontes: Historiografia, literatura, imagens, epistolário, teatro, entre outras linguagens.
Simão Bolívar por Karl Marx (Marx). Críticas de Marx ao Libertador da América publicada na New Amercian Cyclopaedia.

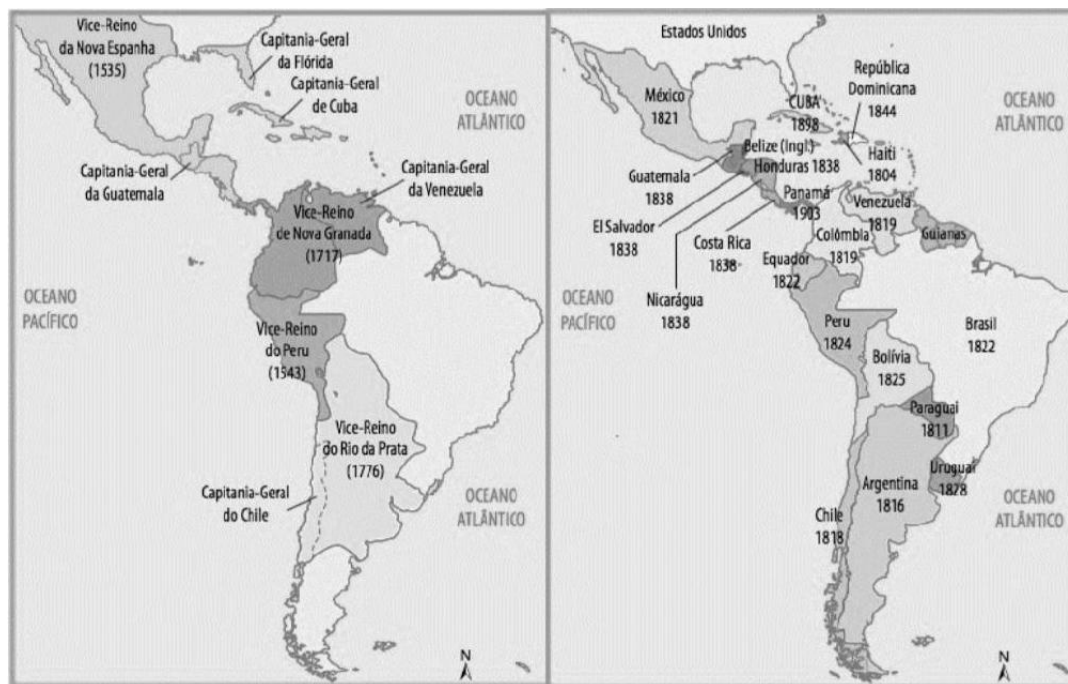
A desintegração da América Espanhola, por Francisco Doratioto, o autor analisar as razões pelas quais levaram a desintegração da unidade na América latina e suas várias hipóteses. A reflexão teórica faz um comparativo com a América Portuguesa.
O Historiador e suas Fontes. Aula teórica sobre a importância das fontes utilizadas na disciplina, utilizando texto de Tânia Regina de Luca e Tereza Malatian.
O General em seu labirinto, de Gabriel García Márquez. História e literatura como meio de compreensão crítica de eventos de História da América. Relato dos últimos dias do Libertador, doente, sem amigos, tendo momentos de lucidez e lenta agonia, onde surgem suas derrotas e conquistas em sua mente febril que é como um labirinto misturando visões e lembranças num emaranhado de ideias. O literato reconstrói o passado de um continente calcado na lógica implacável de seu libertador.
SEMINÁRIO: Apresentação crítica dos discentes sobre os materiais teóricos utilizados como fonte para desenvolvimento da disciplina. Fontes: Historiografia, literatura, imagens, epistolário, teatro, entre outras linguagens.

A dinâmica de sala de aula privilegia a metodologia teórico-prática. Após a exposição teórica dos textos pelos professores é incentivada a participação dos discentes na reflexão e interpretação do material apresentado, apoiados por projeção documental e imagens que sustentem a própria discussão. O material de apoio para as aulas é disponibilizado pelos professores através de grupos de discussão em plataformas digitais. É indispensável que os alunos tenham contato com o material de apoio, que pode ser um artigo acadêmico ou uma matéria apresentada na imprensa que tenha relação com nosso conteúdo através de novas descobertas ou análises que sejam veiculadas nos meios de comunicação que se referem ao nosso conteúdo. As referências teóricas clássicas que utilizamos estão disponíveis na biblioteca da universidade, impressas, ou no site da biblioteca digital. Tendo essas bases de consulta, orientados pelos professores, é solicitado um breve resumo crítico do material de cada unidade.

As análises são individuais, respeitamos o ponto de vista de cada aluno, porém esse ponto de vista não pode ser aleatório, mas que tenha consistência com as fontes, sem distorção do sentido apresentado no texto pelo autor. A partir de cada análise buscamos não o consenso, mas entender como foi que

o aluno chegou a uma conclusão sobre a época histórica e o contexto da produção do texto analisado.

Figura 1 - O antes e o depois da fragmentação política e administrativa das colônias hispano-americanas.



Fonte: PRADO, M.L.; PELLEGRINO, G. História da América Latina. São Paulo: Contexto, 2014.

2. A literatura no ensino de história latino-americana

Podemos verificar que um romance carrega as marcas de seu tempo, assim como a sátira e outros gêneros literários são carregados desses sinais submersos em suas páginas com qualificadas críticas sociais. A transformação de elementos não literários em expressão estética é uma outra maneira de olhar o objeto, uma nova forma de relação com o real. A literatura fantástica de “Cem Anos de Solidão”, de Gabriel García Márquez, está repleta de crítica à sociedade de seu tempo, assim como José Luis Borges descreveu criticamente à sociedade argentina através de sua escrita. Estabelecer a literatura como fonte significa buscar um método, pois se trata de uma linguagem específica, que o historiador só pode operacionalizá-la através de instrumentos próprios, para uma leitura possível da história e que a Escola dos Annales, através da História Cultural nos tornou possível fazer. Temos

historiadores que se debruçaram para refletir a relação entre literatura e história, com bons trabalhos publicados em livros e artigos acadêmicos. Utilizamos a literatura como uma das ferramentas no ensino de América estabelecendo essa relação entre literatura e história para refletir nossa sociedade, em um primeiro momento, e depois descrever de forma sucinta como alguns literatos se dedicaram com suas obras pensar a política e a sociedade.

Há alguns anos nos dedicamos em estabelecer algumas reflexões sobre a junção da Literatura com a História como fonte para o historiador, pois as fontes literárias nos dão mais um registro da dimensão da realidade de nossa sociedade, um dispositivo para sua compreensão, ou ainda como sua metáfora epistemológica. O historiador não deve encarar uma obra literária como uma produção desprovida de sentido crítico de seu tempo, pois o valor do texto literário não está propriamente na confrontação que dele se pode fazer com a realidade exterior, mas na maneira como esta realidade é abordada, aprofundada, questionada, recriada.

Nós utilizamos a literatura como uma das ferramentas de ensino-aprendizagem para o curso de História da América. Propomos aos discentes que reflitam a história latino-americana, se apropriando metodologicamente do campo da história cultural, um campo multi e interdisciplinar que articula disciplinas com foco na produção social de pessoas que apreendem, constroem e partilham as vivências de um determinado contexto através de suas obras literárias.

A literatura, como em toda manifestação humana, está repleta das marcas de seu tempo, representando os ideais, as apirações, necessidades e esperanças de uma época. Desta forma, o embricamento da história e da literatura se dá a níveis complexos e bastante profundos, pois se engendram na tentativa de entendimento da dinâmica do ser, e ao mesmo tempo, de um documento da época em que foi produzido. Há entre ambas uma relação intertextual e dialógica. A literatura reflete o real, refratando-o, e é na refração que se encontram as angulações que interessam ao historiador. Tanto Maria de Lourdes Eleutério (Eleutério, 1987) como Nicolau Sevcenko (Sevcenko, 1995) desempenharam de forma irrepreensível o trabalho de historiadores, desbravando os caminhos para que se perceba de que forma os fenômenos históricos se reproduzem no campo da literatura, e podem ser apreendidos

pelo historiador. Eleutério e Sevcenko leram a história no ato simultâneo de ler a literatura reproduzindo pelo avesso o movimento de quem fez história fazendo literatura.

Lançar mão da literatura como fonte, ao lado das fontes tradicionais, significa buscar um método, pois trata-se de uma linguagem específica, que o historiador só pode operacionalizá-la através de instrumentos próprios para uma leitura possível da história. A semiótica oferece ao historiador a construção desse método, não é a única, mas é bastante eficiente como ferramenta de análise. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (Cardoso; Vainfas, 1997) apontam a necessidade da interdisciplinaridade na medida em que o aparato do historiador é sempre a linguagem.

Nossa atenção repousa sobre discurso histórico e discurso literário que são formas distintas de narrativas, apresentam meios de contato, relacionam-se com a realidade exterior de maneiras diferentes, todavia, complementares. Com tal intensidade um e outro, são imagens dessa realidade que se submetem às exigências do discurso, e podem, todavia, apresentar deformações, fragmentações, ou distorções, formas parciais de conhecimento. A literatura, dessa forma, aprofunda intuitivamente o conhecimento humano, e a História analisa cientificamente formas complementares de expressão da realidade do conhecimento.

Segundo Paul Veyne (Veyne, 1995), o historiador começou a proceder como um romancista, ao imprimir um fio de narração aos fatos por ele selecionados, diferenciando-se do romancista, enquanto relato de eventos reais, acontecidos; na contraposição de uma narrativa substancializada na idealização sobre o mundo perceptível. Desta forma a leitura semiótica e linguística de Roland Barthes falam de uma ilusão referencial do efeito realidade, gestada pelo discurso histórico, cuja existência é linguística, é signo, é discurso; propriedade fundamentalmente literária. Através dessas expressões pode-se vislumbrar o apagamento das fronteiras entre a História e a Literatura, uma e outra oferecendo possibilidades de reconhecimento do social, revelando sentimentos, incorporados nos feitos do ser humano, signos identificadores da realidade que abordam.

Assumimos como ponto de partida a ótica da interdisciplinariedade, a tendência moderna é desfazer as fronteiras que foram construídas no conhecimento tradicional. Ciência e arte, ficção e verdade, aproximam-se na

medida em que a narrativa historiográfica emerge, em contraposição ao declínio da história científica generalizante, colocando em dúvida a questão da veracidade e chegando-se a uma natureza dualista da história, ciência e arte, sincronicamente (Avelino, 2011, p. 278).

Para nós, o texto literário é um valioso instrumento que faz submergir a sensibilidade do historiador em um mundo mágico, em uma superrealidade, numa mescla de sonhos, expectativas, esperança além da esperança. É uma possibilidade para detectar o imaginário e as representações coletivas dos grupos sociais envolvidos nos acontecimentos e na formação do processo histórico.

Entendemos o texto literário como sistema de signos, cabe ao historiador inquiri-lo intensamente em busca de sua interação e interpenetração com as estruturas sociais, utilizando como cunha para penetrar nas relações entre o homem e a natureza, o homem e seu produto, e entre o homem e o homem. A literatura nos faz mensurar a relação e o nível das tensões existentes nas estruturas sociais e nesse campo frequentemente a historiografia tradicional fica a dever se nos atermos apenas nela.

Assumimos que a história é uma verdadeira constelação de forças contraditórias em configurações pluridimensionais imutáveis. Tem um caráter englobante, onde o historiador deve apreender o real. Trata-se de uma tarefa difícil, porque tudo é história, e a todos ela impregna. Desta forma, a riqueza interpretativa que podemos resgatar na literatura é uma inestimável contribuição ao ofício do historiador e a percepção de uma relação e de uma tensão entre estruturas históricas e literárias que há muito permeiam o pensamento humano. Em Aristóteles: “O historiador e o poeta se distinguem um do outro porque um escreve o que aconteceu, e o outro, o que poderia ter acontecido” (Aristóteles, 1964, p. 278). Em Cervantes: “O poeta pode contar as coisas não como foram, mas como deveriam ser, e o historiador há de escrevê-las não como deveriam ser, e sim, como foram” (Cervantes, 2005, p. 84).

A busca pelo sentido do texto pode ser a busca da face oculta da história. Por meio do discurso literário, penetra-se no mundo das consciências e no imaginário, nas representações coletivas, na certeza que essas justificam, sublimam, reforçam e condicionam as práticas sociais do indivíduo como protagonista e formador do processo histórico. A pesquisa dessas práticas e

relações iluminadas por meio do texto literário é uma tentativa e uma proposta metodológica para reluzir sua aura, seus contornos sombrios e cuja eficácia vai ser aferida pelo minucioso trabalho do historiador. É a ficção nos dando elementos para analisar experiências concretas.

A fonte literária nos apresenta as expectativas do vir a ser, a literatura nos fala das possibilidades que não prosperaram dos planos que não se concretizaram. O historiador inclina-se sobre o texto literário em busca de signos que direcionem para o passado. Cabe ao historiador representá-los e rerepresentá-los, iluminando-os pelo ângulo das práticas sociais da época, como aconselharia Foucault e Veyne, resgatando-os do limbo da abstração para apresentá-los na sua objetividade concreta e liberando elementos da sua totalidade.

Tomando como base nossa reflexão, nesse tópico nos propomos a explicitar nosso olhar de historiadores sobre a América Latina através de alguns exemplos de como trabalhamos com as obras literárias no processo histórico da nossa construção/formação como cidadãos e cidadãs latino-americanos que podem ser definidas por meio de uma palavra: emoção.

Quando o historiador lança mão do recurso literário, seja analisando uma obra que fala de emoções, revoluções/transformações ou da cidade, como fez Walter Benjamin ao visitar a poética de Baudelaire em uma fervilhante Paris (Benjamin, 1989), ou quando esmiuçamos as obras de, Gabriel García Márquez, Jorge Luis Borges, Carlos Fuentes, Federico García Lorca, Jorge Amado, no fazer do nosso ofício, ao inquirimos cada uma das produções desses literatos, percebemos que os diferentes momentos históricos estão todos ali presentes, porém eles não estão de forma explícita, mas foram convertidos em literatura nessas obras de grande importância para nossos estudos. Diante dessa perspectiva, percebemos a ligação de Jorge Amado com o contexto político-social de sua Bahia, ou ainda Jorge Luis Borges com seus encantos e desencantos com Buenos Aires. Apreendemos as particularidades da vida cotidiana pelo olhar dos nossos literatos como os hábitos pessoais, o colorido das construções, o cenário florido dos jardins, as crianças maltrapilhas, as velas escuras, as ruas de comércio, as mulheres elegantes, os trabalhadores, o vestuário e o comportamento sócio moral dos indivíduos que povoam as páginas de cada um dos livros desses autores.

Outro grande literato latino-americano que convocamos para nossas

aulas através de suas obras é o mexicano Carlos Fuentes que escreveu, entre outros livros, “O Espelho Enterrado”. Nessa obra o autor aborda com equilíbrio, mas também com vigor e paixão os cinco séculos da conquista e colonização da América pelos espanhóis. Dos espelhos ibéricos de Cervantes e Velásquez aos espelhos enterrados em tumbas dos povos originários no México: da expulsão dos árabes da Península Ibérica ao massacre dos Incas e Astecas; de Simão Bolívar a El Cid, chegando aos caudilhos, às revoluções e as tensões de fronteiras entre México e Estados Unidos. Carlos Fuentes discorre sobre o assombroso jogo de múltiplos reflexos que é a construção da identidade hispano-americana. Carlos Fuentes faz uma ponte entre passado, presente e futuro, destacando uma questão universal: como lidar com o outro? “ao abraçarmos o outro, não só nos encontramos com nós mesmo, como incluímos em nossa vida e nossa consciência as imagens marginais que o mundo moderno, otimista e progressista condenou ao esquecimento” (Fuentes, 2001, p. 343).

O Espelho Enterrado é uma obra de introdução à cultura hispano-americana que se tornou fundamental para quem quer estudar obra literária e história colonial. São mais de 500 anos de acontecimentos históricos que Carlos Fuentes nos apresenta de forma magistral tecendo meticulosamente Dom Quixote de La Mancha (Cervantes), aos grandes pintores espanhóis, de Goya a Picasso, aos dramaturgos Lope de Vega e Calderón de La Barca, ao cineasta Luís Buñuel, Gabriel García Márquez, a Jose Guadalupe Posada, mexicano que antecipou os grafites modernos, retratando gravuras de assassinatos, sexo, dança e touradas, entre tantos outros. Fuentes é portador de um otimismo contagiante, bem fundamentado, o literato, expressa que em meio à crise, a América Latina se transformou em uma mobilização social permanente, de baixo para cima, e da periferia para o centro. Porém ele alerta para o risco sempre presente de que o Continente chegue a ser dominado por grupos fascistas e ideológicos brutais, mas confia que ao alcançar o desenvolvimento econômico junto com a democracia e a justiça social a estabilidade política será uma meta possível.

Jorge Amado no ensino de América Latina? Sim, afinal somos latino-americanos e o autor faz da denúncia uma trama, aonde vai tematizando a miséria e a sujeira, e discutindo o processo de higienização das habitações populares de um povo que mora e que se alimenta mal, em consequência de

um trabalho miserável. São inúmeras as privações, e essa população é vista de forma negativa no conjunto da sociedade mais privilegiada, como sendo um povo rude e incivilizado. Seu texto é um retrato dessa América Independente, para poucos, e suas mazelas para muitos.

Apontando nossa bússola em direção ao Sul do Continente e chegando ao Brasil, temos nosso saudoso comunista Jorge Amado e sua obra “Suor” que retrata parte de sua vida vivida nos anos de 1920 em uma pequena rua, a Ladeira do Pelourinho nº 68, próxima ao Largo do Pelourinho em sua amada Salvador. Esta obra é uma narrativa explicativa da riqueza de possibilidades da leitura do social no contexto urbano através de um romance. De forma sucinta podemos dizer que este romance de 1934 nos apresenta tipos humanos que compõem o mosaico urbano da Ladeira do Pelourinho nº 68 com suas prostituta, ambulantes, mendigos, lavadeiras, trabalhadores do porto, costureiras, os moleques de rua, entre outros personagens que compõe a teia de relações existentes neste espaço urbano. Esse vasto universo social ainda não foi totalmente explorado pela historiografia, assim como foi uma novidade na literatura de Jorge Amado. A miséria é a tônica, onde a falta de higiene, com ratazanas infestando a ladeira e se misturando aos operários suados, bêbados, prostitutas, crianças, e o ar contaminado pelo mofo. A questão central do romance é a tensão entre inquilinos e proprietários do casarão 68.

As questões posta por Jorge Amado em uma trama literária, da maneira como se expressou, denunciavam a miséria real da região, chocando seus colegas da elite intelectual não só baiana como nacional e latinoamericana, que se negavam a ver a triste realidade do povo. Era então uma tentativa do literato em conscientizar a sociedade através dos personagens dessa trama, ao mesmo tempo, defender e cooptá-la para sua visão/ideia política de construção de uma sociedade menos desigual e mais justa socialmente.

Figura 2 - Moradoras de um casarão subdividido em Salvador-BA.



Fonte: URIARTE, U. M. Velhos Cortiços e Novas Experiências e Direitos. Caderno CRH.

O argentino Jorge Luis Borges é mais um importante literato que nos ajuda a entender a América Latina através de seus escritos, parafraseando Alvaro Faria (Faria, 2001, p. 10), o outro no papel de nós mesmos, e nós mesmos como o outro. Trata-se da sublimação do ser, da individualização e ao mesmo tempo multiplicação do mesmo. O eu passado é um, o eu hoje é outro, e o eu amanhã deve ser esquecido, assim como o eu passado. Borges é um autor que traz em sua obra as referências de suas vivências, mas também funde realidade e fantasia, sendo um autor ambíguo, difícil para ser classificado.

Borges escreveu “Fervor de Buenos Aires” em seu retorno à Buenos Aires depois de ter vivido por quase dez anos na Suíça, acompanhando o pai doente, vítima da mesma doença oftalmológica degenerativa que veio mais tarde também a cegar Jorge Luis Borges (Borges, 2000). Neste livro de poesias, o autor retrata seu encantamento com a cidade “nova” que ele descobriu, depois de a ter deixado. É um deslumbramento e uma paixão pela cidade que o viu nascer, e que se modernizou nesse período de ausência. Retratar a cidade para Borges nessa época de sua juventude é algo necessário. Ao longo do tempo e de sua obra, o autor trabalha o esquecimento, e não mais

a memória. Borges nunca trabalhou a memória. O esquecer em Borges é o que o faz ser ele mesmo, e ao mesmo tempo, o outro.

Um dado interessante para nossos estudos de América Latina é observar que assim como Fuentes e Borges, outros literatos latino-americanos, se mantêm na tradição em trabalhar com a ideia de espelhos e labirintos, para traçar o processo histórico da América Latina, e suas próprias vivências. Nessa mesma linha sobre espelhos e labirintos a construção analítica do colombiano Gabriel García Márquez para traçar os últimos momentos da vida de Simon Bolívar no romance “O General em seu labirinto”, o Libertador revolucionário que incendiou a América do Sul com seu movimento pró-independência ressalta na trajetória do Libertador um caminho tortuoso que foi percorrido até sua morte, como se tivesse atravessado um labirinto para finalmente descansar em paz.

Gabriel García Márquez se baseia ao compor “O General em seu labirinto” na rica coleção de cartas escritas por Bolívar em suas várias articulações para libertar a América do Sul do jugo espanhol. Nesse caso, o romancista imita o *metier* do historiador, e buscando a base documental para sua narrativa. Encontrou o literato o que o historiador persegue em seu trabalho, fontes valiosas para compor sua narrativa. García Márquez analisou as últimas cartas escritas por Bolívar, o acervo total dessas cartas encontram-se no Archivo General de Caracas na Venezuela. É a literatura, mais uma vez, ajudando a história. Nas entrelinhas escritas pelo autor podemos perceber as tramas de poder que a elite crioula vai tecendo no pós-independência e certa mágoa de Bolívar, com essa elite, quando está à espera do exílio. Bolívar não é mais o homem forte e garboso que estampa quadros e moedas em museus latino-americanos, é um homem de corpo frágil, inerte, boiando em uma banheira. É uma cena dramática, impregnada da figura da morte, que perpassa todo o romance. A intenção de Gabriel García Márquez é mostrar uma América que emerge das cinzas da morte. Parafraseando Figueiredo (Figueiredo, 1994), o herói da independência da América do Sul, em García Márquez antes de ser um belo e grande herói, é a própria América, que renasce da morte dos seus povos e de seus projetos abortados, mais próxima do labirinto do que do caminho glorioso dos vencedores. “O General em seu labirinto” nos traz os últimos dias de Simon Bolívar, e sua viagem pelo Rio Magdalena, em direção a Cartagena, indo para a Europa. Quis o destino que

ele morresse ao chegar a Santa Marta, lugar de onde partiu para libertar a América.

Os literatos que se debruçam sobre a história latino-americana através de seus romances produzem fontes de valor inestimável para nós historiadores. Ao revisitarmos a diversidade de problemas, temas, olhares, disciplinas, saberes e registros que constituíram a América Latina desde sua invasão até os dias de hoje, nos colocamos enquanto historiadores na premissa de estabelecer um diálogo intenso e ininterrupto entre as possibilidades da relação História e Literatura latino-americana. Neste sentido, estabelecemos alguns nexos com trabalhos literários de autores latino-americanos que escreveram suas obras durante o século XX.

Esses autores, em sua maioria romancistas, impregnaram as páginas de seus romances com um mosaico de figuras que compõem as teias de relações sociais nos países da América Latina. Expuseram os expoentes de toda uma estrutura de dominação: políticos, oportunistas recém-chegados, velhos aristocratas, caudilhos, fazendeiros truculentos, funcionários públicos subservientes, advogados venais, representantes do capitalismo local, dominados e dominantes. Não deixaram de abordar as ditaduras na sua insanidade grotesca, sobre as lutas das classes populares, sobre as repressões cruéis. Revelaram-nos o pânico dos dominados diante da burocracia emperrada e incompreensível e, por isso mesmo, instrumento de sujeição. Revelam-nos também o pavor dos grupos dominantes, no fundo, conscientes da fragilidade de toda essa estrutura montada para manter o status quo econômico e social, sob a ameaça permanente de uma ruptura social. Nossos literatos fazem presente a turbulência do real e do imaginário, do utilitário e do mágico, da desesperança, do espelho e do labirinto a ferramenta para suas escritas que nos chamam a atenção para as possibilidades que temos, através de seus romances, contos e poesias, uma ferramenta potente de análise da nossa história latino-americana.

Considerações Finais: possibilidades avaliativas

Entendemos por avaliação a ação de apreciar o valor de alguma coisa, de algo. Em contextos diversos desde a educação até o ambiente corporativo, avaliação refere-se ao processo de medir, analisar determinado desempenho.

É na realidade o passo a passo das atividades dos estudantes sobre uma determinada disciplina, no caso América Independente. No que se refere a metodologia os teóricos da educação propõe que a avaliação deve incluir estudos desenvolvidos em sala de aula. Propomos a leitura dos textos, a discussão e a conclusão dos alunos que deve vir antes da parte teórica do professor. Não trabalhamos neste curso a prova escrita, pois ela nos parece teórica demais, e pouco responde ao que possamos apreender dos resultados do aprendizado do aluno.

Primeiro um seminário onde isso requer muita leitura, articulação, composição de imagens e capacidade expositiva e sobretudo um trabalho integrado em grupo e em partes como também nos ensinam as explicações sobre representação de Stuart Hall (Hall, 2016, p. 31-56). Walter Benjamin nos ensina que são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar, “quando se pede num grupo que se narre alguma coisa o embaraço se generaliza. É como se estivessemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 1994, p. 197-198).

Outra exigência é um paper de uma resenha que pode ser de um livro da bibliografia da disciplina, ou do próprio Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do aluno. O aluno se dirige ao prazer de escrever, de narrar, de refletir. Neste estágio os alunos devem escrever e justificar uma temática dentro de uma resenha simples, não estamos pedindo comparações de ideias de autores.

O historiador deve ser um bom escritor, com esse trabalho o aluno vai escrever, vai narrar, ao contrário do seminário onde expôs.

Na continuidade deixamos as partes e aglutinamos o todo em um trabalho de pesquisa criativo e fluído com imagens esclarecedoras, ou seja, uma revista, onde cada aluno escreve um artigo. Um ou dois alunos serão os editores, outros se encarregam da capa, e outros dois se encarregam da junção dos artigos, cujo conteúdo central foi o curso todo.

A integração da turma se nota nas alegrias dos resultados finais. O que era um ambiente disperso termina coeso pelo trabalho desenvolvido.

Em cada uma das partes desenvolvidas no semestre, “seminário, resenha e revista”, há um peso que somado chega ao sonhado conceito final, e portanto aprovação.

Referências bibliográficas

AMADO, J. **Suor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARISTÓTELES. **Poética Nona**. In: Arte retórica e arte poética. Rio de Janeiro: Ediouro, 1964.

AVELINO, Y. Dias. História e Literatura: cidades, memórias e esquecimentos na América Latina. In: AVELINO, Y. D.; FLÓRIO, M.; BARREIRO FILHO, R. C. (Orgs.). **Olhares Cruzados: Cidade, História, Arte e Mídia**. Curitiba: CRV, 2011, p. 275-286.

AVELINO, Y. D.; GOMES, E. da S. **Tecituras das Cidades: história, memória e independências**. São Paulo: Emanuscrito, 2024.

BARTHES, R. **Novos Ensaios Críticos: o grau zero da escritura**. São Paulo: Cultrix, 1972.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas: Mágia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. [7ª Ed.]. p. 197-198.

BORGES, J. L. **Fervor de Buenos Aires**. In: Obras Completas, Vol. I. São Paulo: Globo, 1999.

BORGES, J. L. **O outro, o mesmo**. In., Obras Completas, Vol. II. São Paulo: Globo, 1999.

BORGES, J. L. **Um Ensaio Autobiográfico (1899-1970)**. São Paulo: Globo, 2000.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERVANTES, M. de. **Don Quixote de la Mancha**. Livro 2, III. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2005.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

DA MATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rosso, 1997.

FARIA, Á. A. de. **Borges: o mesmo e o outro**. São Paulo: Escrituras, 2001.

FIGUEIREDO, V. L. F. de. **Gabriel García Márques: A história como labirinto**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

FREITAS, M. T. de. **Literatura e História: o romance revolucionário de André Malraux**. São Paulo: Atual, 1986.

FUENTES, C. **O Espelho Enterrado: reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

- GARCÍA MÁRQUEZ, G. **O General em seu labirinto**. São Paulo: Record, 1989.
- GOMES, E. da S. Ensaio sobre uma independência do Brasil. Branca, proprietária e masculina! *In*: AVELINO, Y. D.; GOMES, E. da S. **Tecituras das Cidades**: história, memória e independências. São Paulo: Emanuscrito, 2024.
- GOMES JUNIOR, G. S. **Borges**: disfarce de autor. São Paulo: EDUC, 1991.
- HALBWACHS, M. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Apicuri, 2016.
- MONTOYA URIARTE, U. Habitar Casarões Ocupados no Centro Histórico de Salvador Bahia (Brasil): velhos cortiços e novas experiências e direitos. **Caderno CRH**, vol. 32, núm. 86, pp. 383-398, 2019. Acesso em: 04 abr. 2025. <https://www.redalyc.org/journal/3476/347661126010/html/>
- NORA, P. **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallinard, 1994.
- PALAMARTCHUK, A. P. Jorge Amado: um escritor de putas e vagabundos? *In*: CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. M. (Orgs.). **A História Contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- PRADO, M. L.; PELLEGRINO, G. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014.
- SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1995. [4ª Ed.]
- SOUSA, A. P. **Tensões do Tempo**: a saga do cacau na ficção de Jorge Amado. Ilhéus: Editus, 2001.
- VEYNE, P. **Como se Escreve a História**: Foucault revoluciona a história. Brasília: UnB, 1995. [3ª Ed.]
- WILLIAMS, R. **O Campo e a Cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.